

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**Franca: a cidade que respira  
basquete no país do futebol**

Aluno: Fabrício Freire Gomes  
Orientadora: Profa. Dra. Gilka Girardello

Florianópolis  
Março/2002

Na época em que tive que escolher o tema para o meu Trabalho de Conclusão de Curso eu pensei em quatro aspectos principais: tinha que ser algo realmente desafiador para que eu pudesse experimentar na prática as técnicas aprendidas no curso; o assunto tinha que ter grande interesse jornalístico; o trabalho final deveria facilitar minha inserção no mercado de trabalho; e por último, o desenvolvimento do projeto teria que me realizar pessoalmente. Quem me conhece sabe que a única área que preencheria esses pré-requisitos seria algum assunto ligado a esportes. Surgiram três idéias iniciais. Uma, seria fazer a biografia do Pedroca; outra, seria fazer do Nelson Prudêncio – medalhista olímpico e recordista mundial no salto triplo e que hoje é professor na UFSCar em São Carlos – e a última seria fazer do basquete de Franca como um todo. Esse último tema foi escolhido porque achei que era o que melhor se adequava ao aspecto desafiador do tema, mas principalmente pela realização pessoal.

Apesar do interesse público, esse projeto é altamente "egoísta". Antes de mais nada, eu queria matar minha curiosidade, responder algumas dúvidas que tenho desde criança e saber a fundo todas as fascinantes histórias que ouvia de forma esparsa e incompleta de meu pai e de alguns tios. Esse trabalho é um livro que eu gostaria que fosse ainda mais completo e que eu já tivesse lido quando tinha uns 10 anos. Com essa idade eu já era influenciado pelo meu pai, que apesar de ter saído de Franca há 30 anos, continua sendo apaixonado pelo basquete. Assim, apesar de ir para Franca somente a passeio, eu fui criado meio "francano". Ele sempre me contava histórias da Educação Física do Pedroca, o surgimento dos irmãos Metralha, as partidas contra as grandes equipes de São Paulo e por aí vai, até chegar nos seus ídolos mais recentes como Evandro e Guerrinha. Ganhei uma bola de basquete, meu pai colocou uma tabela de madeira no fundo de casa, entrei na única escolinha de São Carlos e o basquete passou a ser meu esporte preferido e o único que realmente eu jogava e tento jogar até hoje.

Mas era muito difícil adorar basquete em São Carlos. Nem os colegas da escolinha sabiam profundamente o jogo ou acompanhavam os campeonatos. E falar de Franca então? Só em casa com meu pai. Por isso, quando eu ia passar as

férias na casa da minha avó eu adorava. Além da oportunidade de poder ver alguns jogos da minha equipe, via meninos da minha idade que jogava e se interessavam até mais do que eu. Era muito bom poder encontrar com outras pessoas que também compartilhavam da minha paixão. Aliás, acho que sou eu que compartilho da paixão deles.

Com isso, é lógico que eu ia adorar ficar três meses em Franca explorando a fundo o basquete. Mas aí veio o medo. Se a imparcialidade jornalística já não existe, imagina nesse caso, com toda essa minha identificação com Franca. Achei que seria mais um desafio interessante. Essa preocupação em um olhar mais distante foi um dos principais focos meus. Tanto nas entrevistas quanto na escrita tentei garimpar tudo o que era essencialmente informativo e deixar que a riqueza da história do basquete francano aparecesse naturalmente nos relatos.

Assim sem muitas dúvidas para a escolha do tema, tinha que verificar a viabilidade do projeto. Em janeiro do ano passado passei uma semana em Franca já para levantar possíveis fontes. Como previa, não havia nem um trabalho específico sobre o basquete de Franca. Fui encaminhado para conversar com o roupeiro Sérgio Aleixo e fiquei surpreso com o tanto de informação que ele possuía. Articulei meu projeto começando tudo com o Sérgio Aleixo e ele seria o meu “pauteiro” para outras fontes. Só que quando eu cheguei no final de julho para iniciar o projeto veio a surpresa: realmente Sérgio possuía até mais informações que eu imaginava, mas não estava tão acessível quanto se apresentara na conversa inicial. Na verdade até que eu entendi seu ponto de vista. O roupeiro foi o único “esperto” o bastante para saber que a história do basquete de Franca estava ficando grande demais. A partir disso, aproveitou o fato de vivenciar tudo de perto e foi guardando tudo. Hoje tem um material único e não vai passar isso de graça para ninguém. Mesmo arredo, ele se predispôs a responder algumas perguntas minhas. Como inicialmente eu não teria informações para encarar essa verdadeira enciclopédia, resolvi inverter a ordem. Decidi percorrer a cidade e deixar o roupeiro para o fim. Acho que isso foi fundamental para o resultado final.

Com essa mudança não sabia por onde começar. Decidi tentar levantar as fontes impressas. Fui na diretoria do Clube, no Museu Histórico, no IETC, no Colégio Champagnat, na Biblioteca da Unesp e da Unifran. O único lugar que tinha alguma coisa era o Museu, mesmo assim havia apenas alguns recortes de jornais antigos. A falta de coisas documentadas, que foi algo muito difícil inicialmente, acho que se tornou uma vantagem, pois valorizou o meu trabalho de sistematização de todas as informações esparsas na cidade. Na verdade essas curtas notícias de jornais só aumentaram a minha quantidade de perguntas. Era preciso encontrar as pessoas para respondê-las.

Procurei o Paulo Pucci, diretor da empresa Amazonas que casou recentemente com uma tia minha. Ele sempre pertenceu a turma da retaguarda do basquete liderado por Juca Vilhena e conhece todo mundo. Depois de uma rápida conversa já tinha uma lista com mais de quinze nomes e telefones. Desses, conhecia o nome apenas de Fausto, Fransérgio, Hélio Rubens, Anginho e Robertão. Pela lógica, resolvi começar do mais antigo. Assim fui encontrar Leonel Facioli, que com 92 anos é o único remanescente da primeira equipe de Franca em 1928. A memória dele é impressionante e saí de lá realmente convencido de que eu havia acertado na escolha do tema.

Pretendia continuar a ordem cronológica dos entrevistados, mas esse procedimento durou apenas alguns dias. Depois tive que me adequar a agenda dos entrevistados e, para não ficar parado na cidade, ia atrás de qualquer um que tivesse um tempinho para minhas perguntas. Uma das grandes vantagens desse tema é que o basquete em Franca funciona como uma grande família. A cada entrevistado, surgia mais dois ou três nomes. As informações circulam tão rápido entre eles, que em poucas semanas eu já era conhecido como o “rapaz do basquete” e os novos entrevistados já sabiam que seriam procurados.

Desde as primeiras entrevistas eu ouvia falar do Restaurante Barão, mas na correria eu só fui conhecer o local no começo de setembro. Realmente foi um local imprescindível para o meu trabalho. Além do proprietário, todo o dia entre às duas e às três horas da tarde, ficam uns quatro ou cinco remanescentes da “Mesa 11” – uma turma de aficionados de basquete. Entrevistei uns quatro ou cinco, mas

a partir daí toda semana eu passava uma ou duas vezes por lá para ouvir alguma sugestão, confirmar algum nome, pegar mais um dado que ficou perdido. Estes sim, passaram a ser meus “conselheiros”. Foi numa dessas conversas no Barão que eu fiquei sabendo que o juiz da década de 30, Mário Latorraca faleceu uma duas semanas depois que eu o entrevistei. Levei um susto e fiquei até meio triste.

Basicamente foi esse o método de desenvolvimento do projeto. Fiquei em Franca entre 23 de julho a 31 de outubro. Ao todo, foram 51 entrevistados. Sempre gravava a entrevista e assim que chegava em casa transcrevia na íntegra e já assinalava as partes que seriam utilizadas no texto final. Além disso anotava algumas informações interessantes, mas que pareciam meio opinativas e precisavam ser confirmadas com outros entrevistados. Nessa hora da transcrição das fitas surgia muitas perguntas para as próximas fontes. Daí a necessidade de fazer isso simultaneamente com o trabalho de reportagem.

Eu tinha uma lista de perguntas básicas e muitas entrevistas se desenvolveram na base da pergunta e resposta, mas muitas outras – incluindo algumas das mais produtivas – se tomavam verdadeiras conversas, onde o entrevistado ficava livre para ir onde sua memória permitia. É lógico que alguns extrapolavam, mas acho que foi esse método que permitiu aprofundar tanto no tema. Como eu nunca tinha ouvido falar de muitos entrevistados, eu chegava sem muitas pretensões, e de acordo com as perguntas iniciais eu já via qual que era a potencialidade. Assim, da história burocrática da equipe eu ia conhecendo figuras humanas interessantíssimas. Das riquezas de algumas dessas que deu a idéia de fazer o capítulo dos perfis, que é o único assunto que não estava no meu projeto inicial.

Para cada entrevistado eu também perguntava se havia alguma coisa escrita guardada ou se havia fotos antigas. Foi assim que eu tive acesso a uma revista que conta os 75 anos de história da Federação Paulista de Basquete, a dissertação de Mestrado do Fausto e as fotos que estão no final do TCC.

A maior parte dessas entrevistas foram feitas em Franca. Além das entrevistas pessoais, tentei alguns contatos por e-mail, justamente para pegar outras visões do basquete francano. Responderam meus e-mails, o jornalista da

FSP, Melchiades Filho, a assessora de imprensa da Confederação Brasileira de Basquete (CBB) e o jogador Raul, da equipe de Bauru. Uma das grandes vantagens desse meu trabalho é que quase todas as fontes estavam em Franca. Mesmo assim fiz uma entrevista em São Carlos, onde meus pais moram, e duas em Araraquara. Aproveitei a proximidade de São Carlos com Araraquara e fui a um treino da equipe da Uniara, onde conversei com o Pipoka e o Tom Zé. Esse foi um dos dias mais produtivos do meu trabalho de campo. A entrevista com o Pipoka rendeu muito, devido ao fato de ser um cara experiente e que deu uma visão de fora de Franca muito interessante. Quanto ao Tom Zé, considero a entrevista mais rica em informações, principalmente quanto aos bastidores do basquete francano. Outro fato interessante quanto a esse técnico foi que depois de conversarmos mais de uma hora no Ginásio, ele me convidou para jantar e aí transpôs a relação de apenas um entrevistado. Lógico que continuamos a falar do basquete de Franca, mas já num tom informal. Conversamos do basquete como um todo e da preparação da Uniara para o início do campeonato Paulista, quando a equipe foi vice-campeã. Apesar de ser um contato inicial, isso pode vir a ser um começo de uma relação muito importante se eu realmente conseguir trabalhar na área esportiva.

Em Franca, uma das entrevistas mais esperadas era com Hélio Rubens, técnico do Vasco da Gama e da Seleção Brasileira. Num trabalho como esse, ele tinha que ser consultado. Como o técnico estava no Rio de Janeiro, ele pouco vinha para Franca. Foi só no final de outubro que ele surgiu por lá. De certa forma foi boa essa data, pois como já estava encerrando meu trabalho de reportagem, tinha bastante informações para sustentar essa entrevista. Para chegar até ele, foi a primeira vez que utilizei a participação direta de Paulo Pucci. O Hélio chegou numa terça à tarde e na quarta à noite já ia embora. Agendaram para a terça à noite na casa do Hélio. Quando cheguei lá, estavam o Helinho, o Chuí e o Fransérgio. O técnico me pediu para esperar um pouco na sala. Ficaram na cozinha conversando, mas dava para eu ouvir na sala. O assunto era nada menos que uma proposta oficial do Hélio para levar o Chuí para jogar no Vasco. Fiquei ouvindo todas as pormenores da negociação até que ouvi o sim do Chuí. A notícia

começou a circular na cidade apenas uns quatro dias depois. Meio ao acaso, foi o “primeiro furo de reportagem” que eu presenciei. Nessa história eu fiquei mais de hora esperando e quando o Hélio chegou, se mostrou bem indisposto para a entrevista. Acho que só fez por obrigação ao amigo Paulo. Apesar de sentir isso logo de cara, tinha que aproveitar essa oportunidade. Comecei a fazer minhas perguntas e ele ia respondendo com algumas frases prontas e de forma bem sintética e resumida. As perguntas que ele tinha que pensar um pouco, já respondia que não lembrava e passava para a próxima. Já tinha passado mais de meia hora, quando fiz na sorte a pergunta que mudou o tom da conversa. Eu tinha ouvido de Xavier a história de um jogo em Campinas em que o Hélio ainda era muito jovem e o lendário juiz Renato Righetto o indicou como futuro melhor jogador do Brasil. Achei a história interessante, mas como ninguém mais tocou no assunto, achei que precisava confirmar ela com alguém. E ninguém melhor que o próprio protagonista. Conte a história para o Hélio e perguntei se era verdade. A partir daí seu olhar mudou. Não sei se pelo aspecto sentimental ou se ele percebeu que realmente era um trabalho sério, mas o fato foi que nos dez minutos seguintes ele falou tudo que não seria posto em um dia inteiro no ritmo que estava indo. Ouvi declarações importantes, principalmente quanto a sua saída para o Vasco da Gama. Eram coisas que só podiam estar no trabalho vindo da boca dele. Acho que amadureci muito com essa entrevista.

Tudo pronto era hora de ir procurar o “temido” Sérgio Aleixo. Na verdade eu já tinha muitas histórias, mas que faltavam aspectos concretos. Muitos entrevistados lembravam de uma passagem de jogo, mas não sabiam o placar. Sabiam de uma história significativa, mas não sabiam o período exato. Coisas que o roupeiro resolveria com facilidade. Logo de cara já expliquei que era um trabalho acadêmico, mas com grande chance de ser publicado, inclusive em Franca. Mesmo que ele mandasse eu correr sem me falar nada eu achei melhor que daqui um tempo ele vir com aquela história de ter sido traído. Mas no fim ele foi muito solícito. Conversamos quase dois dias inteiros e sentia que já estava na hora de por o ponto final em um trabalho que não tem fim.

Além das entrevistas, teve o questionário que foi passado entre alunos de 6<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> série em oito escolas (seis em Franca e 2 em São Carlos). O objetivo desse questionário é tentar entender como essa paixão ao basquete é passada para as novas gerações. Achei que por mais que entrevistasse 20, 30 pessoas não seria significativo para tentar fazer uma generalização. As escolas foram bem estudadas de forma a atingir todas as classes sociais. Em Franca foram escolhidas três escolas públicas – uma de periferia, uma de um bairro de classe média e a que é considerada escola modelo da rede pública – e três particulares – a mais elitizada, a mais acessível e a mais numerosa. Resolvi passar em duas escolas em São Carlos, por serem cidades do mesmo porte, e para eu ter um parâmetro. Passei numa escola pública e particular intermediárias. Cada questionário tinha quinze perguntas e o das meninas tinham três perguntas a mais, específicas em relação a diferença do estímulo entre elas e os meninos. Nas duas cidades o número chegou a mais de 650 questionários. Levei quase uma semana para tabular todos os resultados, mas agora está tudo em duas planilhas do Excel. Apesar do trabalho acho que valeu a pena, pois o questionário apontou resultados bem interessante. Um deles é o fato que mais de 70% dos francanos preferem ver a cidade campeã no basquete do que o sua equipe de futebol.

Concluído toda esse levantamento de informações, fui para São Carlos no início de novembro, onde organizei as informações e escrevi até a metade de dezembro. Nessa parte, a maior dificuldade foi lidar com o volume de informações que eu possuía. Eu não tinha noção de quantas páginas iria dar, mas sabia exatamente quais informações iria usar. Tinha dezesseis assuntos definidos, que acabaram se tornando a divisão em capítulos. A grande dificuldade era alinhar coisas que aparentemente não se conectavam entre si. Tentei organizar tudo de forma cronológica para depois editar o texto final. Mas quando coloquei todas essas informações de maneira linear, achei que esse texto “provisório” tinha ficado até que bem costurado. Tornou-se a versão final. Mande uma cópia para uma análise prévia da Gilka. Em janeiro, ela me devolveu com algumas anotações preliminares. Fiz as correções e decidi voltar a Franca para preencher alguns “buracos de informação”. Fiquei lá mais uma semana e com os meus

“conselheiros” do Restaurante Barão dei o fechamento que eu esperava. O que sempre foi uma grande dificuldade em meus textos era quando e como encerrar. Até isso não tive problemas. Quando vi o pequeno menino Cairo correndo no Pedrocão, pensei imediatamente que ele seria o meu fechamento. Não haveria imagem melhor e era o meu olhar pessoal no texto. Essa imagem nem o Sérgio Aleixo tinha. Até parei de assistir a partida. Fiquei quase um quarto de hora observando até que decidi ir conversar com ele e os pais. Assisti o último quarto junto com eles e saí do Pedrocão já com o último parágrafo pronto.

Olhando para o resultado final, vejo que tem tudo a ver com a idéia inicial que possuía. Acho que o objetivo de mostrar o porquê do título de “Capital do basquete” ser mais do que merecido foi atingido. A grande recompensa pessoal desse trabalho foi o conhecimento que adquiri. É muito bom saber que todas aquelas informações prévias que eu já achava o máximo são apenas uma pequena ponta. Outra coisa importante foi a mudança da minha noção de esportes. Ver as dificuldades financeiras do clube, as intrigas internas e mais alguns pontos que foram abordados no capítulo “Desafios fora de quadra” diminuíram algumas ingenuidades e romantismos. A iniciação a esses aspectos extra-quadras foi decisivo para que eu decidisse fazer o Curso de Especialização em Administração Esportiva em Curitiba.

Mas o principal ponto a ser ressaltado é que esse projeto me deu oportunidade de entrar em um mundo que eu sempre almejei frequentar: a elite do esporte profissional. Ter entrevistado e conhecido pessoas como Hélio Rubens, Guerrinha, Pipoka, Chuí, Tom Zé foi muito gratificante. Mais do que as informações obtidas, esse contato pessoal, ainda que de maneira inicial e superficial, vai ser fundamental ao meu futuro profissional se eu realmente conseguir me inserir nessa área. Um trabalho como esse não tem fim, mas posso dizer que ele está praticamente pronto. O próximo passo é tentar a circulação desse material. Mais do que o reconhecimento pessoal, seria a minha homenagem a uma cidade que tão bem me acolheu.